

**SAMBA DE COCO E
IDENTIDADE:
RESSIGNIFICAÇÃO DA
MEMÓRIA, ORALIDADE E
ANCESTRALIDADE NO
CHÃO DA ESCOLA
MUNICIPAL PROF. JOÃO
PAULO DE SANTANA**

**SAMBA DE COCO AND IDENTITY: RESIGNIFYING MEMORY, ORALITY, AND
ANCESTRY ON THE GROUNDS OF THE PROF. JOÃO PAULO DE SANTANA
MUNICIPAL SCHOOL**

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 09/08/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/786256067](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/786256067)

Rafaela Matos de Santana Cruz¹

Josefa Daiane de Santana Cruz²

Danielle Matos de Santana Cruz³

Stéphanie Feniar Löhr⁴

Yasmin Gomes Santos⁵

Isadora Gomes Santos⁶

Ícaro Gabriel Oliveira dos Santos⁷

Robson Gomes Do Nascimento⁸

RESUMO

Este artigo analisa o processo de ressignificação da memória, do pertencimento e da identidade cultural no ambiente escolar a partir da inserção do Samba de Coco na Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana, localizada no Povoado Triunfo, em Simão Dias, Sergipe. Fundamentado nos aportes teóricos da Educação Patrimonial, da Educação do Campo e das Relações Étnico-Raciais, o estudo buscou investigar como a vivência do patrimônio cultural imaterial atua no fortalecimento de uma práxis pedagógica emancipatória e antirracista. A metodologia pautou-se na pesquisa participante de abordagem qualitativa e caráter descritivo, envolvendo estudantes dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, docentes, gestores e mestres da cultura popular local por meio de mapeamento cultural, rodas de conversa, oficinas corporais e encontros intergeracionais. Os resultados evidenciaram que a experiência da oralitura e o contato com a tradição oral permitiram aos estudantes ressignificar a percepção sobre a manifestação, superando o desconhecimento histórico inicial e assumindo o Samba de Coco como elemento dinâmico de sua própria identidade étnico-racial e territorial. Conclui-se que a abertura da escola pública aos saberes ancestrais do território fortalece a autoestima dos educandos, consolida o papel da instituição na salvaguarda do patrimônio imaterial e cumpre as diretrizes da Lei nº 10.639/2003, promovendo uma formação cidadã, inclusiva e profundamente ancorada na realidade comunitária.

Palavras-chave: Identidade Étnico-Racial; Patrimônio Vivo; Saberes Tradicionais.

ABSTRACT

This article analyzes the process of reinterpreting memory, belonging, and cultural identity within the school environment,

stemming from the introduction of Samba de Coco at the Prof. João Paulo de Santana Municipal School, located in the village of Triunfo in Simão Dias, Sergipe. Grounded in the theoretical frameworks of Heritage Education, Rural Education, and Ethnic-Racial Relations, the study investigated how engaging with intangible cultural heritage strengthens an emancipatory and anti-racist pedagogical praxis. The methodology employed a qualitative, descriptive participatory research approach, involving early elementary students, teachers, administrators, and local folk culture masters through cultural mapping, discussion circles, movement workshops, and intergenerational gatherings. The results demonstrated that the experience of oral literature and orality and contact with oral tradition enabled students to reinterpret their perception of this cultural expression, overcoming initial historical ignorance and embracing Samba de Coco as a dynamic element of their own ethnic-racial and territorial identity. The study concludes that opening public schools to the territory's ancestral knowledge boosts students' self-esteem, solidifies the institution's role in safeguarding intangible heritage, and fulfills the guidelines of Law No. 10.639/2003, thereby fostering a form of citizenship education that is inclusive and deeply rooted in the community's reality.

Keywords: Ethnic-Racial Identity; Living Heritage; Traditional Knowledge.

1. INTRODUÇÃO

O Samba de Coco constitui-se como uma das mais expressivas manifestações da cultura popular brasileira, trazendo em seu ritmo, pisadas fortes e cantigas a herança viva dos povos africanos e indígenas que fundamentam a formação das comunidades rurais do Nordeste. Este estudo delimita-se à investigação do Samba de

Coco enquanto elemento de ressignificação da memória, oralidade e ancestralidade no chão da Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana, localizada no Povoado Triunfo, no município de Simão Dias/SE, no âmbito do Programa Escola da Terra na edição 2024-2025. Na comunidade do Triunfo, essa tradição é celebrada e transmitida de geração em geração, constituindo-se como patrimônio fundamental da cultura dos trabalhadores rurais locais. Em cada pisada que encanta, na batida do coco e no ritmo contagioso, o Samba de Coco expressa saberes ancestrais, atuando não apenas como expressão artística, mas como espaço de resistência, celebração e pertencimento comunitário.

Apesar dessa densidade histórica, a comunidade tem enfrentado desafios para manter viva a tradição, evidenciados pela redução de integrantes nos grupos e pelo distanciamento dos jovens em relação ao valor dessa manifestação. Esse cenário reflete as dinâmicas sociais contemporâneas e as marcas persistentes da colonialidade, que tendem a invisibilizar os saberes afrodescendentes e camponeses. Diante desse contexto, delineia-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a ressignificação do Samba de Coco, por meio da memória oral e do diálogo intergeracional no espaço escolar, pode contribuir para o fortalecimento da identidade cultural e a formação antirracista dos estudantes da Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana?

Como hipótese, parte-se da premissa de que a inserção do Samba de Coco no cotidiano pedagógico, embasada na escuta dos mestres tradicionais, na vivência corporal e no resgate de narrativas locais, possibilita romper com a lógica do ensino descontextualizado. Essa abordagem favorece o despertar do sentimento de pertencimento nos estudantes, o orgulho de suas raízes afro-camponesas e o

reconhecimento de seu território como produtor de saberes legítimos.

A justificativa deste trabalho fundamenta-se em dimensões sociais e acadêmicas. No âmbito social e comunitário, justifica-se pela urgência de salvaguardar o patrimônio imaterial do Povoado Triunfo e reatar os laços intergeracionais ameaçados pelo apagamento cultural. Sob a perspectiva científico-acadêmica, a pesquisa justifica-se por contribuir com o campo da Educação do Campo e das Relações Étnico-Raciais, oferecendo subsídios empíricos e teóricos sobre como as práticas culturais locais podem ser articuladas ao currículo escolar de forma emancipatória (Freire, 2024; Gomes, 2017). O estudo adensa as discussões sobre a pedagogia da memória e a oralitura (Martins, 2021) aplicadas à escola pública rural, demonstrando que a afirmação das identidades negras e camponesas é eixo estruturante para uma formação efetivamente antirracista.

Nesse contexto, o objetivo geral deste estudo é ressignificar o Samba de Coco como expressão da herança africana do Povoado Triunfo em Simão Dias/SE, fortalecendo a identidade cultural dos alunos da Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana por meio do resgate da memória e da valorização da oralidade. Para alcançar essa finalidade, definiram-se como objetivos específicos reconhecer o Samba de Coco como patrimônio cultural afro-brasileiro e local, compreender o valor da oralidade e da memória na manutenção das tradições populares e refletir sobre os impactos da colonialidade na desvalorização dos saberes afrodescendentes. Além disso, o estudo busca estimular a participação ativa da comunidade escolar na preservação de sua cultura e promover a escuta dos mestres e

mestras da comunidade, favorecendo a troca e a integração intergeracional.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. Patrimônio Cultural Imaterial e Educação Patrimonial

O conceito de patrimônio cultural imaterial abarca as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural (UNESCO, 2003). Essa dimensão do patrimônio abrange as tradições orais, as artes do espetáculo, os rituais, os eventos festivos e os saberes ligados ao artesanato e à natureza, caracterizando-se por sua dinâmica viva e recriada continuamente em função do ambiente e da história de cada grupo (UNESCO, 2003). Segundo as diretrizes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 2024), a salvaguarda das manifestações imateriais depende fundamentalmente da garantia de condições para que os próprios grupos produtores e detentores possam manter, reproduzir e transmitir seus saberes ao longo do tempo. Assim, o patrimônio imaterial configura-se como um patrimônio vivo, em que a continuidade histórica e a memória coletiva estão intrinsecamente articuladas à capacidade de transmissão intergeracional.

A reflexão sobre o valor e o alcance dessas práticas ganha adensamento com os estudos de Sant'Anna (2015), que destaca que os bens imateriais não constituem objetos congelados no tempo, mas processos sociais dinâmicos mediante os quais as comunidades expressam suas visões de mundo, reafirmam identidades e tecem redes de solidariedade e pertencimento territorial. Para a autora,

reconhecer uma manifestação cultural popular como patrimônio imaterial implica valorizar a trajetória dos sujeitos que a mantêm viva, especialmente em contextos marcados por assimetrias sociais e tentativas históricas de apagamento das culturas populares e afrodescendentes.

Quando transposta para o campo educativo, a preservação do patrimônio vivo exige estratégias pedagógicas intencionais e contextualizadas. É nesse cenário que se insere a Educação Patrimonial, conceituada por Horta *et al.*, (1999) como um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A Educação Patrimonial não se limita ao ensino passivo de fatos históricos, mas busca desencadear processos de alfabetização cultural que permitam aos sujeitos ler, interpretar e apossar-se criticamente de seu ambiente e de suas referências simbólicas (Horta *et al.*, 1999).

Ao articular as orientações da UNESCO (2003) e do IPHAN (2024) com os aportes de Horta *et al.*, (1999) e Sant'Anna (2015), compreende-se que a escola pública desempenha um papel estratégico na salvaguarda das tradições locais. No âmbito da Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana, no Povoado Triunfo, a Educação Patrimonial manifesta-se como caminho para aproximação crítica dos estudantes com a história e a riqueza do Samba de Coco. Ao transformar o saber comunitário em objeto de reflexão e vivência, a instituição de ensino fortalece o sentimento de territorialidade, estimula o orgulho de pertencer e assegura que a transmissão desse patrimônio imaterial continue a florescer entre as novas gerações.

2.2. Samba de Coco Como Expressão de Identidade e Resistência

O Samba de Coco figura como uma das expressões mais emblemáticas do patrimônio expressivo afro-brasileiro, cujas origens remontam aos processos de formação histórica do Nordeste rural e litorâneo. Em suas investigações clássicas sobre a cultura popular, Cascudo (2012) caracteriza o Coco como uma manifestação percussiva e coreográfica gestada no encontro de influências africanas e indígenas, gestada historicamente nos espaços de trabalho rural, como na quebra do coco de embaúba ou babassu, nos mutirões de construção de casas de taipa e na lida dos trabalhadores rurais. Longe de reduzir-se a uma simples forma de entretenimento lúdico, o ritmo e o pisar marcante da dança surgem imbricados ao cotidiano de labuta das populações subalternizadas, transformando o esforço físico do trabalho em espaço de celebração comunitária e de coesão social.

Aprofundando a dimensão social e simbólica das manifestações percussivas e dançantes no Brasil, Vianna (1995) e Ayala e Ayala (2000) demonstram que expressões como o Samba de Coco operam como vetores dinâmicos da identidade nacional e regional, sintetizando saberes que desafiam o isolamento e as imposições da cultura dominante. Conforme assinalam Ayala e Ayala (2000), a estrutura performática do Coco, marcada pela presença do puxador ou tirador de versos em diálogo contínuo com o coro dos brincantes, assenta-se prioritariamente na transmissão oral. É pela palavra cantada, improvisada e transmitida intergeracionalmente que se preservam as narrativas de vida, as memórias dos antepassados, os risos e os dilemas vividos pela comunidade, assegurando a continuidade de uma memória coletiva que não se vincula à hegemonia do registro escrito.

No cenário sergipano e nordestino, o Samba de Coco consolida-se como dispositivo histórico de resistência política, cultural e territorial. Ao analisar as manifestações tradicionais de matriz africana no estado de Sergipe, a literatura recente destaca que a cadência dos instrumentos, as palmas percussivas e a batida dos tamancos ou dos pés descalços no chão funcionam como estratégias de afirmação da existência e da subjetividade negra e camponesa em territórios rurais. Em comunidades rurais como o Povoado Triunfo, no município de Simão Dias, o Samba de Coco ultrapassa a dimensão estético-musical para afirmar-se como uma tecnologia ancestral de resistência comunitária. Por meio da dança circular e dos cantos de mutirão, o grupo reafirma o pertencimento ao território, resguarda a memória dos velhos mestres e estabelece uma contra-narrativa aos processos históricos de marginalização e eutanásia cultural.

Nesse sentido, a vivência do Samba de Coco no espaço comunitário e sua transposição para o ambiente escolar não constituem um resgate folclórico estático, mas a ativação de um patrimônio vivo e pulsante. O exercício do pisar junto e da escuta dos versos da tradição reafirma o compromisso com a preservação da identidade local, permitindo que a memória coletiva dos trabalhadores rurais se mantenha como força propulsora de autonomia, orgulho étnico-racial e pertencimento para as novas gerações.

2.3. Memória Coletiva, Oralidade e Ancestralidade

A compreensão do Samba de Coco enquanto espaço de produção e continuidade dos saberes tradicionais requer uma análise aprofundada das dinâmicas de preservação da memória e da linguagem. Nos estudos sociais, a memória não se constitui como um repositório individual ou estático de lembranças, mas como uma

construção essencialmente social e coletiva. Conforme teoriza Halbwachs (2006), as memórias individuais situam-se e reconstroem-se sempre no interior de quadros sociais da memória, tais como a família, a religião, a classe e o grupo comunitário. É na convivência cotidiana e no compartilhamento de experiências que os grupos tecem suas lembranças, garantindo que o passado permaneça vivo no presente. Complementando esse entendimento, Pollak (1989) destaca que a memória coletiva atua como um fator crucial na manutenção da identidade de grupos subalternizados, operando como uma memória subterrânea e de resistência que contesta os apagamentos promovidos pelas narrativas oficiais da história.

Nas comunidades rurais e de matriz africana, a construção e a manutenção dessa memória coletiva ancoram-se fundamentalmente na força da palavra viva e na oralidade. Alinhado a essas reflexões, Hampâté Bâ (2010) demonstra que, nas sociedades africanas e em suas ramificações na diáspora, a tradição oral ultrapassa a simples transmissão verbal de contos, constituindo um complexo e rigoroso sistema pedagógico, ético e filosófico de preservação do conhecimento. Para o autor, a palavra falada é dotada de força vital e poder criativo, sendo o meio pelo qual os valores ancestrais, os ritos, as histórias de vida e as sabedorias medicinais e ecológicas são legados às gerações futuras, opondo-se ativamente ao silenciamento e ao elitismo do registro escrito ocidental.

A dimensão performática e encarnada dessa transmissão ganha adensamento teórico nas formulações de Martins (2021), que elabora o conceito de oralitura para designar a grafia da memória inscrita no corpo, no ritmo, na palavra e no rito. A autora argumenta que os

saberes ancestrais não se preservam apenas na mente ou nos livros, mas se gestam e se expressam na corporeidade que dança, canta, toca e recria a tradição. No âmbito da oralitura, o gesto, a pisada e a entonação da voz funcionam como textos vivos que atualizam o passado e reescrevem a presença negra e camponesa no tempo e no espaço.

Ao articular as contribuições de Halbwachs (2006), Pollak (1989), Hampâté Bâ (2010) e Martins (2021), evidencia-se que o Samba de Coco no Povoado Triunfo ultrapassa largamente a dimensão estético-artística. Essa manifestação configura-se como um verdadeiro dispositivo de oralitura, em que o corpo que pisa o chão, os versos cantados e o ritmo dos instrumentos atuam como tecnologias de salvaguarda da memória ancestral e da identidade camponesa. No chão da escola e do território, a vivência desse patrimônio assegura a continuidade de saberes historicamente marginalizados, transformando a escuta dos mais velhos e a prática do coco em atos contínuos de resistência e afirmação existencial.

2.4. Educação, Identidade Cultural e Valorização dos Saberes Populares

Após a reflexão sobre as dinâmicas de patrimônio imaterial, memória e oralidade, torna-se imprescindível analisar a instituição escolar como arena privilegiada para a promoção e a salvaguarda dessas práticas culturais. A inclusão dos saberes populares no currículo e no cotidiano pedagógico encontra sustentação teórica primordial na obra de Freire (2024), que concebe a educação autêntica como uma práxis humana orientada pela libertação, pelo diálogo e pela conscientização crítica. Para o autor, o ato de ensinar exige o respeito rigoroso aos saberes socialmente construídos pelos

educandos em suas comunidades de origem, recusando a estrutura da educação bancária que impõe conteúdos descontextualizados e alheios à realidade dos sujeitos. Ao assumir a pedagogia da autonomia, a escola abre-se ao diálogo com os mestres locais, reconhecendo a sabedoria popular não como folclore secundário, mas como matriz epistemológica legítima para a construção do conhecimento escolar e a formação cidadã.

Essa reflexão freireana sobre emancipação e valorização dos saberes locais expande-se criticamente nas contribuições de Gomes (2017), ao focalizar as especificidades da construção da identidade étnico-racial no espaço escolar. A autora argumenta que o movimento negro e as práticas culturais afro-brasileiras atuam como educadores de toda a sociedade, tensionando o currículo tradicional eurocêntrico e demandando uma pedagogia das relações étnico-raciais que enfrente o racismo estrutural. Conforme assinala Gomes (2017), a escola deve atuar intencionalmente na afirmação positiva da negritude e na valorização dos territórios tradicionais, compreendendo que a identidade negra se fortalece na medida em que a memória, a ancestralidade e os símbolos da cultura afro-diaspórica são reconhecidos e celebrados com dignidade e centralidade na formação escolar.

Adensando essa perspectiva, Munanga (2015) destaca a urgência de superar a visão abstrata da diversidade cultural que oculta as desigualdades e as hierarquias raciais na sociedade brasileira. O autor defende uma educação antirracista ativa que desmonte preconceitos e recrie a autoestima dos estudantes negros por meio da recuperação crítica de sua história e de seu patrimônio cultural. Nesse sentido, a implementação da Lei nº 10.639/2003 não

se limita ao cumprimento de uma exigência legal, mas concretiza um imperativo ético e político para a democratização do ensino.

Dessa forma, a articulação entre as reflexões de Freire (2024), Gomes (2017) e Munanga (2015) permite compreender a inserção do Samba de Coco na Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana como uma potente estratégia pedagógica antirracista e emancipatória. Ao trazer a batida, a dança e os saberes orais do Povoado Triunfo para o chão do espaço escolar, a instituição promove o fortalecimento da identidade e do pertencimento dos estudantes, assegurando que os saberes camponeses e de matriz africana ocupem o lugar central de direito no processo educacional.

3. METODOLOGIA

A presente investigação caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza participante e de caráter descritivo, voltada para a compreensão dos processos de ressignificação da memória e da identidade cultural no ambiente escolar. A opção pela pesquisa participante justifica-se pela necessidade de estabelecer uma inserção reflexiva, colaborativa e engajada da equipe pesquisadora no cotidiano do território, promovendo uma interação contínua entre a comunidade escolar e os sujeitos locais no planejamento e na execução das ações pedagógicas.

O estudo foi desenvolvido na Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana, localizada no Povoado Triunfo, zona rural do município de Simão Dias, no estado de Sergipe. O Povoado Triunfo constitui um território de relevante valor histórico e cultural para a região, marcado pela presença contínua de tradições camponesas e pela

salvaguarda do Samba de Coco enquanto patrimônio imaterial da comunidade.

Os participantes da pesquisa compreenderam estudantes matriculados nos anos iniciais do Ensino Fundamental da referida instituição pública, bem como professores da educação básica, gestores escolares e mestres e mestras da cultura popular do Povoado Triunfo, cujos saberes orais e memórias foram eixos centrais para o desenvolvimento da intervenção.

Os procedimentos metodológicos e os instrumentos de coleta de dados organizaram-se em etapas encadeadas ao longo da execução do projeto no âmbito do Programa Escola da Terra. Inicialmente, realizou-se o mapeamento cultural do território e o levantamento bibliográfico e documental sobre a história do Povoado Triunfo e a manifestação do Samba de Coco em Sergipe. Em seguida, promoveram-se rodas de conversa dialógicas, oficinas pedagógicas sensoriais e corporais com a vivência dos ritmos e passos do coco, além de encontros intergeracionais marcados pela escuta atenta das narrativas e cantigas transmitidas pelos mais velhos da comunidade. Os dados foram registrados sistematicamente por meio de diários de campo reflexivos, registros fotográficos (Figuras 1 e 2), gravações de áudio das relatorias orais e produções textuais e artísticas elaboradas pelos próprios estudantes ao longo do processo pedagógico.

Figura 1. A roda do Samba de Coco na escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

Figura 2. O encontro entre comunidade e escola



Fonte: Arquivo pessoal, 2025.

A análise do material empírico foi realizada por meio do método de análise de conteúdo de perspectiva qualitativa e crítica, em articulação com as categorias teóricas de memória coletiva, oralitura, educação antirracista e pertencimento territorial. As informações coletadas foram categorizadas e interpretadas à luz dos aportes

teóricos da Educação do Campo e das Relações Étnico-Raciais, permitindo avaliar os impactos das vivências do Samba de Coco no fortalecimento das identidades dos alunos e na promoção de uma práxis escolar comunitária e emancipatória.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das vivências pedagógicas e comunitárias desenvolvidas na Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana revelou que a inserção do Samba de Coco no cotidiano escolar atuou como um potente catalisador para a ressignificação da memória, o fortalecimento da identidade e o exercício de uma educação antirracista no Povoado Triunfo. Os dados empíricos emergentes das oficinas, rodas de conversa e diálogos intergeracionais demonstraram que a cultura popular, quando trabalhada de forma intencional e dialógica, desdobra-se em aprendizados que ultrapassam a dimensão cognitiva tradicional, alcançando as esferas afetiva, corporal e política dos estudantes.

Nas etapas iniciais do projeto, as rodas de conversa evidenciaram que os estudantes possuíam conhecimentos formais e históricos limitados acerca da origem do Samba de Coco, mas demonstravam um vínculo afetivo denso e prévio com a manifestação cultural por meio de vivências informais e narrativas familiares. Esse achado corrobora a perspectiva de Hampâté Bâ (2010), ao sinalizar que nas comunidades de matriz africana e camponesas a oralidade atua como o principal mecanismo de preservação da memória coletiva e dos laços de pertencimento. Embora os alunos não articulassem conceitualmente a história da manifestação, o ritmo, as cantigas e os nomes dos velhos mestres habitavam o seu cotidiano subjetivo, demonstrando que o saber popular já estava presente como

patrimônio vivo antes mesmo de sua sistematização pedagógica (UNESCO, 2003; IPHAN, 2024).

Durante a realização das oficinas corporais e percussivas, observou-se uma transformação significativa na postura dos educandos em relação ao próprio corpo e ao espaço escolar. A vivência da pisada do coco, do ritmo palmeado e dos cantos em roda permitiu aos alunos expressarem a grafia da memória por meio da corporeidade, movimento que encontra respaldo direto no conceito de oralitura elaborado por Martins (2021). O corpo infantil, muitas vezes disciplinado e silenciado no espaço escolar tradicional, reconfigurou-se em suporte de ancestralidade e linguagem. A articulação entre o gesto, o som e o movimento reafirmou que o aprendizado do Samba de Coco não se dá pela via da abstração, mas pela experiência encarnada, em que o ritmo funciona como tecnologia de preservação identitária e de resistência cultural.

A presença dos mestres e mestras da comunidade no chão da escola representou um ponto de virada na dinâmica pedagógica, estabelecendo uma ponte legítima entre a sabedoria popular e o conhecimento escolarizado. A escuta atenta dos relatos dos mais velhos permitiu aos estudantes compreenderem as lutas, a religiosidade, o trabalho rural e a alegria que fundamentam o Samba de Coco no Povoado Triunfo. Esse momento de troca intergeracional concretizou a perspectiva freireana de uma educação dialógica e libertadora (Freire, 2024), na qual o saber da experiência feita pelos sujeitos do campo é reconhecido como matriz epistemológica válida. Além disso, a presença dos mestres no ambiente escolar operacionalizou os princípios da Educação do Campo (Arroyo, 2012; Caldart *et al.*, 2012), rompendo com o isolamento entre a escola e a vida comunitária.

Sob a ótica das relações étnico-raciais, os resultados indicaram um impacto direto na elevação da autoestima e no orgulho de pertencimento dos estudantes negros e camponeses. As reflexões desenvolvidas a partir das cantigas e das origens afro-brasileiras da manifestação permitiram problematizar, de forma acessível e contextualizada, os processos históricos de preconceito e apagamento cultural. Como postula Gomes (2017), a afirmação positiva da negritude exige que a escola ofereça referenciais culturais em que os estudantes se reconheçam com dignidade. Ao vivenciarem o Samba de Coco como patrimônio nobre de sua própria comunidade, as crianças ressignificaram a percepção de seu território e de suas raízes, alinhando-se aos objetivos da Lei nº 10.639/2003 e às orientações da Unicef (2021) sobre o direito à identidade e à proteção contra a discriminação racial.

Por fim, os registros pedagógicos e as produções artísticas dos alunos demonstraram que o Samba de Coco deixou de ser visto como algo ultrapassado ou restrito ao passado dos mais velhos, passando a ser assumido pelas novas gerações como elemento vivo de sua própria identidade. Essa mudança de percepção atesta a eficácia da Educação Patrimonial (Horta *et al.*, 1999) e confirma a hipótese do estudo, ao evidenciar que a escola pública, ao abrir-se para os saberes do território, torna-se um espaço privilegiado de salvaguarda cultural, formação cidadã e emancipação social.

5. CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste estudo evidenciou que a ressignificação do Samba de Coco no chão da Escola Municipal Prof. João Paulo de Santana consolidou-se como uma potente experiência pedagógica de salvaguarda do patrimônio imaterial, de fortalecimento da

identidade camponesa e de promoção da educação antirracista no Povoado Triunfo, em Simão Dias/SE. Ao articular o conhecimento escolar aos saberes orais e ancestrais mantidos pelos mestres e pela comunidade, o trabalho demonstrou a exequibilidade e a urgência de uma práxis educacional emancipatória, comprometida com a realidade territorial e com a valorização da diversidade cultural (Freire, 2024; Gomes, 2017).

Os resultados alcançados confirmaram a hipótese inicial de que a inserção da tradição popular no cotidiano escolar, pautada na escuta atenta, na vivência corporal e na valorização da oralidade, é capaz de romper com modelos de ensino descontextualizados e eurocêntricos. A experiência da oralitura (Martins, 2021) e o contato direto com a memória viva dos mais velhos (Hampâté Bâ, 2010) permitiram que os estudantes ressignificassem sua percepção sobre o Samba de Coco, deixando de encará-lo como uma prática do passado para assumi-lo como elemento dinâmico e orgulhoso de sua própria identidade étnico-racial e territorial.

Constatou-se, ainda, que a atuação da escola pública enquanto espaço de Educação Patrimonial (Horta *et al.*, 1999) e de garantia de direitos infanto-juvenis (UNICEF, 2021) reatou laços intergeracionais que se encontravam ameaçados pelos processos contemporâneos de apagamento cultural. Ao abrir suas portas para os mestres e mestras do Povoado Triunfo, a instituição de ensino não apenas cumpriu as diretrizes da Lei nº 10.639/2003 e da Educação do Campo (Arroyo, 2012; Caldart *et al.*, 2012), mas reafirmou o papel do território como espaço legítimo de produção de saberes e de resistência social.

Por fim, este estudo aponta para a necessidade de continuidade e aprofundamento de ações pedagógicas que tomem o patrimônio imaterial local como eixo estruturante do currículo escolar. Espera-se que as reflexões e caminhos construídos ao longo desta investigação sirvam de inspiração para outras unidades de ensino e pesquisas no campo da Educação do Campo e das Relações Étnico-Raciais, demonstrando que a preservação da memória e a afirmação das identidades populares constituem pilares indispensáveis para a construção de uma escola verdadeiramente democrática, inclusiva e cidadã.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, MIGUEL GONZÁLEZ. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Petrópolis: Vozes, 2012.

AYALA, MARIA IGNEZ NOVAIS; AYALA, MARCOS. **Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise**. São Paulo: Ática, 2000.

CALDART, ROSELI SALETE *ET AL.* (ORG.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro: Expressão Popular, 2012.

CASCUDO, LUÍS DA CÂMARA. **Dicionário do folclore brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. 87. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

GOMES, NILMA LINO. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALBWACHS, MAURICE. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ, AMADOU. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história.** 2. ed. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HORTA, MARIA DE LOURDES PARREIRAS; *ET AL.* **Guia básico de educação patrimonial.** Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Educação patrimonial:** conceitos e práticas. Brasília, DF: IPHAN, 2024.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Patrimônio cultural imaterial:** diretrizes para a salvaguarda. Brasília, DF: IPHAN, 2014.

MARTINS, LEDA MARIA. **Afrografias da memória:** o reinado do rosário no Jatobá. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazza Edições, 2021.

MUNANGA, KABENGELE. **Superando o racismo na escola.** Brasília: Ministério da Educação, 2015.

POLLAK, MICHAEL. MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, SILÊNCIO. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SANT'ANNA, MÁRCIA. **Da proteção à salvaguarda:** o patrimônio imaterial no Brasil. Salvador: EDUFBA, 2015.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial.** Paris: UNESCO, 2003.

UNICEF. **Direito à cultura, memória e identidade na infância e adolescência.** Brasília, DF: Fundo das Nações Unidas para a Infância, 2021.

VIANNA, HERMANO. **O mistério do samba.** Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

¹ Doutoranda em Educação - UNIT. Universidade Tiradentes, Brasil. Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8741-1050>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4544137122663428>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

² Doutoranda no programa de Biotecnologia - UFS. Universidade Federal de Sergipe, Brasil Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1331-2655>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9305819892248651>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

³ Pós-graduada em Educação no Campo - FAVENI. Faculdade de Venda Nova do Imigrante, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9772-378X>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3115156785041010>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁴ Pós-graduanda em Malacologia de Vetores pela Fundação Oswaldo Cruz/Instituto Oswaldo Cruz - FIOCRUZ/IOC. Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-9425-9436>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2017567326544471>. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#)

⁵ Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente - UFS. Universidade Federal de Sergipe, Brasil. Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid:

<https://orcid.org/0009-0005-5406-0740>. Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/1842448945232080>. E-mail: [acesse o artigo](#)
[original para visualizar o e-mail](#)

⁶ Graduanda em licenciatura em Geografia - UFS. Universidade
Federal de Sergipe, Brasil. Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid:
<https://orcid.org/0009-0005-3210-2268>. Lattes:
<https://lattes.cnpq.br/2533920377212233>. E-mail: [acesse o artigo](#)
[original para visualizar o e-mail](#)

⁷ Graduando em licenciatura em Geografia - UFS. Universidade
Federal de Sergipe, Brasil. Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid:
<https://orcid.org/0000-0002-2177-7033>. Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/6928581981268706>. E-mail: [acesse o artigo](#)
[original para visualizar o e-mail](#)

⁸ Graduando em Engenharia de Pesca - UFS. Universidade Federal
de Sergipe, Brasil. Aracaju, Sergipe, Brasil. Orcid:
<https://orcid.org/0009-0000-1060-6573>. Lattes:
<https://lattes.cnpq.br/8821435635258471>. E-mail: [acesse o artigo](#)
[original para visualizar o e-mail](#)